

Realidade e Ficção no Ciberespaço

Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do Império toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele.

Jorge Luis Borges, *O Fazedor* (1960)

O conflito está em curso. Vivemos tempos em que realidade, ficção e virtualidade se sobrepõem; entrecrocaram-se. Vivemos tempos em que já não mais é possível distinguir o real, o fictício e o virtual. Para entender o ciberespaço, onde se misturam e convivem realidade e virtualidade, máquinas e homens, o rigor da ciência, a superstição e a memória infinita, é preciso mais do que a pureza da ciência ou a funcionalidade da tecnologia. É preciso recorrer à liberdade e magia da literatura. Quatro ensaios, inspirados nas obras de ficção de quatro mestres da literatura universal, mostram caminhos para a compreensão de fenômenos da era da informação. A chave para entender a dualidade ficção x realidade no ciberespaço pode ser encontrada na literatura. Escritores como Borges, cuja temática sempre abordou mistérios, oferecem pistas para compreender melhor a estranheza, a exclusão do humano e a não linearidade da vida eletrônica. Mesmo tendo sido escritas muitos anos antes das modernidades eletrônicas, as histórias dentro das obras aqui abordadas podem ser olhadas como profecias para o nosso tempo. As obras de João Guimarães Rosa, Thomas Mann, Jorge Luis Borges e Franz Kafka oferecem cenários onde as noções de espaço, tempo, memória e informação são revisitados no contexto do ciberespaço.

¹ Departamento de Ciência da Computação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil (virgilio@dcc.ufmg.br).

1. O Grande Sertão e o Espaço Cibernético

O sertão está em toda parte.... só aos poucos é que o escuro é claro.

Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956)

Várias são as leituras da obra prima de João Guimarães Rosa. Dependem do gosto e ofício do leitor. No entanto, como disse o mestre Antônio Cândido, em cada leitura, aparecerá o traço fundamental do romancista, a absoluta confiança na liberdade de inventar. E é justamente neste fim de século, quando o avanço tecnológico paradoxalmente se confunde com crise, desemprego, angústia, opressão e incerteza, que temos de inventar o entendimento desta época atual. É preciso decifrar os sinais e as coisas que são importantes para a compreensão do nosso tempo. A literatura, a ficção em particular, talvez seja a chave para abrir esse difícil diálogo entre o passado e o futuro. Para tanto é necessário descobrir e desvendar caminhos que farão a ponte entre o cidadão do presente e o homem do século XXI, regido pela tecnologia da informação, com suas máquinas, computadores, software, robôs, redes de comunicação e Internet. É isso que aqui proponho, "especular idéia", como disse Riobaldo, o sábio jagunço de *Grande Sertão: Veredas*.

Trata-se, portanto, de começar não pelo sertão específico, geograficamente circunscrito entre o norte de Minas e o sul da Bahia, onde transcorre a ação do romance. Mas sim por aquele sertão sabiamente caracterizado por Riobaldo, quando disse: "O sertão está em toda parte." Por conseguinte, vamos olhar para a tecnologia da informação, que como o sertão está também em toda parte. Cada vez mais, nos dirigimos rumo ao espaço cibernético ("cyberspace"), uma expressão cunhada por Willian Gibson, autor da novela *Neuromancer* com o intuito de designar o mundo digital que vem sendo construído pelas redes de computadores, como a Internet. A expressão ganhou vida própria e hoje é usada como uma extensão da idéia de realidade virtual, onde os participantes, sem presença física, podem conversar, colaborar, manipular objetos e navegar pelas informações espalhadas pelos quatro cantos do mundo. Aliás, de uma certa maneira, esse conceito de navegar pelas informações ou

navegar na Internet já aparecia nos pensamentos de Riobaldo Tatarana: “Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal”. No nosso dia-a-dia, já somos capazes de perceber os primeiros sinais, embora tímidos ainda, desse onipresente ambiente eletrônico, onde a comunicação é mediada pelos computadores. Bancos, agências de turismo, postos de gasolina, lojas, jornais, rádios, TVs, imposto de renda e muitos outros negócios, instituições e governos já não mais funcionam sem os computadores ligados uns aos outros através das redes de comunicação. A Internet é apenas a parte mais visível e representativa desse iceberg do mundo digital, que vai aos poucos emergindo.

Mas essa "segunda natureza", que vai sendo difusa e progressivamente criada pela combinação das tecnologias das telecomunicações, da informática e do entretenimento eletrônico, nos isola da verdadeira natureza. São horas diárias diante da televisão, ao telefone ou em frente à tela de um computador, que nos privam dos sabores da vida natural, que Riobaldo tão delicadamente descreve: “Quero bem a esses maios, o sol bom, frio de saúde, as flores do campo, os finos ventos maiozinhos”. No espaço cibernético, o sol não esquenta, a dama-da-noite não exala seu perfume de jasmim e o homem se afasta drasticamente de seu contato com a natureza.

Centenas de milhões de computadores e pessoas espalhadas pelos mais longínquos cantos do planeta comunicam e se relacionam através da Internet. O espaço virtual, cibernético, proporcionado pelas redes de computadores, é cada vez mais o espaço do trabalho, do divertimento, da convivência e da transgressão. Enfim, é cada vez mais o espaço da vida moderna. Um espaço peculiar e único, onde há claramente uma separação entre sujeito, objeto e ação. A materialidade deixa de ser essencial, como decorrência da separação do corpo e do pensamento. As redes de computadores, como a Internet, simplesmente tornam prescindível a presença física das pessoas. Compras podem ser feitas pela Internet sem nenhuma interação face-a-face. Através do computador e da Internet, pode-se virtualmente “entrar” numa loja de CDs em Nova York, ouvir uma faixa do álbum e comprá-lo, sem que o consumidor tenha sequer ter saído de sua casa no Rio de Janeiro ou em Santiago. Livros podem ser escritos conjuntamente por autores situados em diferentes países e trabalhando em diferentes horários. Amizades e intimidades podem ser construídas por pessoas que nunca se

encontraram e nunca se olharam olhos nos olhos. Consultas médicas e diagnósticos podem ser conduzidas sem as presenças corpóreas do médico e paciente. Aulas podem ser dadas sem a existência de uma sala de aula, local onde tradicionalmente professor e alunos se encontram fisicamente e convivem. A sala de aula, o consultório médico, o escritório e a loja passam então a fazer parte desse palco virtual, indeterminado, para além e para aquém de qualquer limite espacial, geográfico e temporal. Estamos claramente pisando em terreno desconhecido. De novo, Riobaldo: “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo”.

“Viver perto das pessoas é sempre dificultoso, na face dos olhos”, matutou o velho Riobaldo. Acontece que o espaço cibernético amplia os conceitos de comunicação e convivência e oferece novas formas de relações pessoais. Na comunicação mediada por computador, seja ela o correio eletrônico (*e-mail*) ou as salas de conversação (*chat-room*), várias aspectos da conversa tradicional deixam de existir. Afinal, a conversa passa a ser o texto das mensagens trocadas entre os participantes de uma roda ou grupo eletrônico. Sexo, classe social, idade, expressões faciais e demais indicadores de alegria, raiva, sinceridade, desgosto, desconforto e outros sentimentos não estão implícitos nessas “conversas eletrônicas”. A comunicação baseada nos computadores abre novas dimensões. Por um lado, é oferecido um ambiente democrático de conversação, onde não há condições de prejudicar as pessoas, devido a ausência de contatos face-a-face. Por outro lado, é impossível determinar a real intenção ou a verdadeira identidade dos participantes de um papo eletrônico. Atrás da tela de um computador, é sempre possível simular papéis. Essa possibilidade de criar múltiplas identidades, de atuar nesse palco virtual, tem no entanto seu lado sedutor e irresistível, como bem lembrou Riobaldo: “Vida devia ser como na sala do teatro, cada um fazendo com forte gosto seu papel, desempenho”.

A Internet é uma rede de informações e serviços. De tudo existe um pouco nessa rede. Pornografia, calúnia, proxenetismo, informações distorcidas e falsas, incitação ao racismo, terrorismo e várias outras formas de poluição de informações encontram-se misturadas a uma quantidade sem fim de informações educacionais, culturais e profissionais de imenso valor e utilidade. Perdido nesse novo universo digital, é natural que o cidadão se pergunte: E ainda assim vale a pena? E a resposta também poderia ser

aquela que Riobaldo recebeu ao perguntar ao velho homem: “Acha mesmo assim que o sertão é bom? Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: – ...ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor conforme o senhor mesmo”.

A Internet, a Web, as redes de comunicação, os computadores, os robôs, a automação da vida moderna são muito mais um fenômeno cultural e social do que tecnológico. O entendimento desses fenômenos da era digital extrapola os limites das ciências exatas e da tecnologia e deve buscar suas pistas no imaginário da ficção, da literatura, das artes. A era da informação é ainda uma neblina; estamos apenas tateando os primeiros sinais deste novo tempo. Não sabemos ao certo as consequências dessas tecnologias da informação sobre a vida das pessoas e nem tão pouco está claro o impacto dessa nova era numa sociedade como da América Latina. Portanto, uma vez mais, a sabedoria de Riobaldo seria o melhor conselho para se refletir sobre a era da informação: “Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro”.

2. O Tempo no Ciberespaço

O tempo absolutamente não tem natureza própria. Quando nos parece longo, é longo, e quando nos parece curto, é curto, mas ninguém sabe em realidade a sua verdadeira extensão.

Thomas Mann, *A Montanha Mágica* (1924)

A angústia do homem frente ao mistério do tempo não é privilégio do mundo moderno. A temática tempo-espaço tem sido tratada pela ciência, filosofia, religião e literatura de todas as épocas. No entanto, a rapidez dos computadores e a expansão da chamada era da informação trazem em si sinais inquietantes de que a noção de tempo-espaço pode estar sendo subliminarmente alterada, sem a nossa percepção. A incapacidade de explicar o tempo sempre perturbou o homem. Em suas confissões, Santo Agostinho disse: “Eu sei bastante sobre o que é o tempo, desde que ninguém me pergunte. Se eu for tentar explicar o que é o tempo, será um malogro”. Então, como

falar desse enigma do tempo? Não tomarei o atalho dos números, nesta época dominada pelas máquinas e computadores, com velocidades medidas em bilionésimos de segundo, num claro e aberto conflito com tempo humano, ditado pelas relações entre os homens e a natureza. Tentarei o caminho da literatura, que com sua subjetividade pode dizer mais que as secas estatísticas da evolução tecnológica. As reflexões de Thomas Mann sobre o tempo e o espaço, na obra prima da literatura *A Montanha Mágica*, podem dar pistas iniciais para repensar idéias tão centrais ao sentido da vida. “Que é o tempo afinal?” – perguntou Hans Castorp, personagem principal do romance. “Percebemos o espaço com nossos sentidos, por meio da vista e do tato. Muito bem! Mas que órgão possuímos para perceber o tempo?” Sim, o tempo é um mistério singular.

“Uma hora comum, nem longa, nem curta”, pensou Hans Castorp. Na tela de um computador, a interação com a própria máquina, ou com outras, através da Internet, torna as horas curtas. A era da informação faz o tempo voar. Os teóricos e cientistas da nova era, como o Prêmio Nobel de Economia, Herbert Simon, apregoam que na sociedade da informação, dominada pelos computadores, redes de comunicação e robôs, a abundância de todos tipos de informação criará uma escassez de tempo. A saturação de imagens, sons e texto, bem como a forma descontextualizada com que essas informações nos são despejadas pela televisão, rádios e jornais, desfiguram a face do tempo e nos deixam atônitos. O excesso de informação, útil ou irrelevante, consome quase completamente a nossa atenção, deixando uma permanente e incômoda sensação de que as horas estão encurtando. Contrastando com a percepção generalizada de falta de tempo deste fim de século, aparecem as reflexões de Thomas Mann sobre “os ambientes generosos em matéria de tempo”, como as horas de uma viagem de trem, os momentos de ócio ou de contemplação à natureza, onde a nossa existência fica reduzida a tarefa de passar e vencer o tempo. No fim do milênio, em que a tecnologia cada vez mais subjuga a natureza e o homem, tem-se a impressão de que as horas longas estão também chegando ao fim.

O tempo para nós está e sempre esteve associado a traços da natureza. A hora do pôr-do-sol, o início do verão ou a última passagem do cometa Halley. O sentido do tempo relaciona-se também a idéia de distância. Tóquio é longe, Ouro Preto é perto. Gradualmente no entanto, a nossa percepção de tempo foi se afastando da noção de

espaço, distanciando-se da natureza. Uma camada de aparatos tecnológicos se interpôs entre a natureza e o homem. Telefone, fax, televisão, computador, automóvel, avião, satélites e outras máquinas formam hoje uma espécie de natureza artificial, com a qual o homem realmente interage, e a partir da qual refaz a noção de longe, próximo, presente ou passado. A era da informação entretanto está levando ainda mais longe essa revisão silenciosa dos conceitos de tempo e espaço. Através da Internet, pode-se, sem sair de São Paulo, comunicar com alguém em Londres, fazer compras em uma livraria em Seattle, ler um documento na Biblioteca do Congresso Americano em Washington e verificar o saldo bancário em Brasília. E aí, vem a pergunta: como comparar a percepção do tempo nessa viagem virtual com a experiência do tempo tradicional, gasto no deslocamento entre essas cidades e na interação com pessoas? O mundo virtual baseado na Internet e nos computadores degenera o sentido de distância e tempo e nos deixa confusos. Os pensamentos de Thomas Mann lançam uma luz sobre essa questão: “Dois dias de viagem apartam um homem – e especialmente um jovem que ainda não criou raízes firmes na vida – do seu mundo cotidiano, de tudo quanto ele costuma chamar seus deveres, interesses, cuidados e projetos; apartam-no muito mais que esse jovem imaginava, enquanto um fiacre o levava a estação. O espaço que, girando e fugindo, se roja de permeio entre ele e seu lugar de origem, revela forças que geralmente se julgam privilégio do tempo; produz de hora em hora novas metamorfoses íntimas, muito parecidas com aquelas que o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda”. A passagem do tempo no espaço virtual das redes e das telas dos computadores não deixa no homem as mesmas marcas que o tempo “tradicional”, pontuado pelo contato com as coisas do mundo. Não provoca as metamorfoses íntimas que a relação entre as pessoas e a natureza produz. Assim, essa ausência do sentido temporal no mundo digital altera também os conceitos de passado e futuro.

Em uma de suas obras, escrita no final dos anos sessenta, muito antes da popularização da informática, o poeta Affonso Romano Sant’Anna fala de “um olhar a quem falta o conhecimento da espessura da realidade”. Nada poderia ser mais preciso para descrever o fenômeno da experiência do tempo vivido no espaço cibernético. Aliás, mais uma vez a literatura ajuda a decifrar o novo. No mundo da Internet, dos computadores e dos *videogames* não há a espessura da realidade, que dá o tom e o sabor do tempo e do espaço, pilares centrais da experiência humana. As gerações deste final

de século e as futuras gerações do século XXI, criadas em contato com esse universo digital, estão adentrando por um terreno desconhecido. Viverão a experiência do mundo digital, onde, cada vez mais, tudo e todos estarão conectados pelas redes de computadores. Por outro lado, cada vez menos estarão em contato com a natureza, as pessoas e os objetos da vida, que formam a espessura da realidade. A vivência digital cria um longo presente, que não se cristaliza e não se transforma num passado de lembranças, cheiros e sensações naturais. O que fica das horas gastas numa longa partida de *videogame*, nas intermináveis conversas nas salas de “chat” da “Web” ou numa viagem solitária pelos inúmeros “sites” da Internet, que existem por esse mundo afora?

Desde a época em que Thomas Mann escreveu o romance, no início do século XX, até os dias de hoje, o homem tem assistido perplexo a uma evolução tecnológica sem precedentes. No bojo dessa evolução, encontra-se o computador, que com sua extrema rapidez e flexibilidade para realizar quase tudo, tornou-se um signo dos tempos modernos e do novo milênio. No entanto, as consequências desse inexorável movimento rumo a era da informação ainda são nebulosas. Revelar esse mundo novo é uma empreitada que requer muito mais que o conhecimento científico e tecnológico. Requer a intimidade da natureza humana, que a literatura tão bem perscruta. Basta refletir sobre as ponderações de Thomas Mann a respeito do tempo-espço e ver o quanto elas se aplicam a esses tempos modernos, onde a informação vai de um canto a outro do mundo em frações de segundo. “De Hamburgo a Davos são vinte horas, sim senhor, de trem. Mas, a pé quantas horas são? E no meu cérebro?”

3 . Memória e Informação

*Mas não falemos de fatos. Já a ninguém importam os fatos.
São meros pontos de partida para a invenção e o raciocínio.*

Jorge Luis Borges, *O Livro de Areia* (1975)

A chave para entender o ciberespaço pode ser encontrada no realismo mágico da obra de Borges. Nenhum escritor captou melhor a estranheza, o apoucamento e a não linearidade da vida eletrônica. Mesmo tendo sido escritas muito antes dessas modernidades eletrônicas, as histórias de Borges podem ser olhadas como profecias para o nosso tempo. Tematicamente, Borges sempre abordou mistérios: o da ausência *versus* presença, o tempo circular ou da memória infinita, que são traços marcantes do ciberespaço.

A história de Irineu Funes é simples, porém desconcertante. Personagem da ficção de Borges, Funes teria tido uma vida comum, sem mais nem menos, como qualquer cristão. Um acidente, um tombo para ser mais preciso, mudou definitivamente o rumo da vida desse peão de uma estância no sul do Uruguai. A capacidade de tudo lembrar ou, em outras palavras, a incapacidade de esquecer tornou-se a “doença” de Funes, apelidado de “o memorioso”. Nada, nenhum minucioso detalhe, escapava da implacável memória de Funes. “Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança aos veios de um livro encadernando em couro que vira somente uma vez e às linhas da espuma que um remo levantou no rio Negro às vésperas da batalha do Quebracho”. A memória de Funes não tinha limites!

Ora, o que tem a ver a história de Funes, passada no final do século XIX, com os tempos de hoje? Tempos complexos, onde, sufocados pelo excesso de informação, estamos sempre a esquecer o que vimos, ouvimos ou pensamos minutos atrás. Seríamos uma espécie de anti-Funes? Aliás, Funes dizia que antes do acidente “havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo”. Seria Funes, o memorioso, um símbolo para esta era da informação, onde quase tudo se encontra indefinidamente registrado nas memórias dos computadores? Claramente, faltam-nos metáforas para compreender este mundo novo, onde a Internet, o onipresente computador e as informações ocupam a cena, juntamente com o homem, seus velhos sonhos e mazelas. A tecnologia não se explica por si só. É criada, oferece funcionalidades, ocupa lugar e pronto. Suas consequências e sua relação com o homem são percebidas somente com o passar do tempo. As metáforas e as significações para este mundo novo devem ser buscadas na literatura, que vaga à vontade entre o real e o

imaginário. O fantástico universo da literatura de Borges serve à invenção de modelos apropriados para o entendimento da complexidade da vida do nosso tempo.

Em seu livro *As Confissões*, Santo Agostinho refletiu sobre o arcabouço da memória. “Mas eis-me diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá estão guardados todos nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, quer modificando de qualquer modo as aquisições de nossos sentidos, e tudo que aí depositamos ou reservamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido pelo esquecimento”. A história de Funes passou-se numa época onde as informações percebidas vinham apenas de cenários naturais e das interações do homem com a natureza, sem a presença da tecnologia, que permeia a vida contemporânea. “Naquele tempo, não havia cinemas ou fonógrafos...”. Esse pequeno detalhe da história de Funes embute uma questão central. O excesso de informação do mundo atual nos oprime e confunde. TV, rádio, jornais, Internet e o ritmo frenético da vida urbana se combinam numa tensa alquimia, que torna tudo descontínuo e fragmentado. A incessante mudança de contextos torna a realidade das informações e imagens praticamente inassimilável. Em frações de segundos, a TV passa das cenas de um desastre ecológico de proporções globais para um programa de auditório, onde a tolice e o ridículo disputam a fama instantânea. Funes era “o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente exato”. No mundo atual a quantidade de informação excede nossa capacidade de percepção e absorção. O excesso de tudo e a onipresença da mídia nos faz sentir um pouco como Funes.

Bilhões de páginas de informação formam a Web, que continua crescendo vertiginosamente, com a inclusão diária de milhões de novas páginas. O que significa esse universo de páginas? Apenas informação? Conhecimento? Sabedoria? Funes dizia: “Mais recordações tenho eu sozinho que as que tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo”. E apesar da ilimitada capacidade de memória, Funes era incapaz de “idéias gerais”, era incapaz de compreender o mundo. “Não só lhe custava compreender que o símbolo genérico *cão* abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversas formas; aborrecia-o que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quarto (visto de frente)”. Funes simplesmente não

sabia o que fazer com tanta informação! “Suspeito entretanto, que [Funes] não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair”.

Na Internet, há de tudo. De obras clássicas da literatura a irrelevantes anotações pessoais, da arte a pornografia, de informações sobre direitos humanos até manuais de terrorismo. As páginas de informação na Internet não passam de um vasto museu de tudo, cuja melhor descrição aparece na secra dos versos de João Cabral de Melo Neto:

Este museu de tudo é museu
Como qualquer outro reunido;
Como museu, tanto pode ser
Caixão de lixo, ou arquivo.

De certa forma, a Internet se assemelha a Funes. É uma infindável memória, onde se coloca de tudo. Não se filtra nada; não há seleção da qualidade da informação e nem se discrimina sua origem. “Minha memória, senhor, é como um despejador de lixos”, comentou Funes. A cultura eletrônica baseada na Internet e nos computadores padece do mal de Funes. Antes da Internet, as bibliotecas, os editores e os críticos exerciam para a sociedade essa função de selecionar a informação. Criavam-se pontos de referência para a sociedade. Na cultura eletrônica, vale tudo. Uma infindável memória, onde não se separa o joio do trigo, está cada vez mais se tornando a memória coletiva da sociedade. No entanto, não existem ainda tecnologias para selecionar somente a informação que interessa e “esquecer” o resto. E aí, mais uma vez, há o choque entre o novo e o antigo. A memória do homem é naturalmente seletiva, vale dizer, o oposto da saturação informativa da Internet e dos tempos modernos. Uma saturação que nos remete novamente ao personagem Funes, que por tudo recordar, era incapaz de pensar.

A ficção de Borges revela ainda outros traços escondidos da cultura eletrônica; a perda da memória histórica. “No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos”. A Internet e suas incontáveis páginas de informação concentram-se nos anos recentes e em temas, que sofrem o impacto direto do poder econômico e do modismo. É como se o tempo passado tivesse sido aniquilado, deixando-nos numa espécie de presente estendido. Na Internet, encontra-se, por exemplo, todo e qualquer tipo de informação e dados sobre a Copa do Mundo de 1998 ou sobre o filme *Titanic*. Mas, por outro lado, informações mais antigas sobre assuntos

menos populares são escassas e de difícil acesso. Por exemplo, a busca de dados sobre a situação da mulher na América Latina no início do século XX exige um longo trabalho de garimpagem. Há uma excessiva concentração num passado muito recente e em temas excessivamente da moda, distorcendo a visão do mundo para aqueles que usam a Internet como fonte de referências ou aprendizado. Em um plano mais geral, o problema deriva-se da confusão entre o virtual e o real, que começa a permear a sociedade contemporânea.

4. Os Labirintos Kafkianos da Era da Informação

Aqui não há erro.

Franz Kafka, *O Processo* (1915)

O adjetivo kafkiano incomoda, desassossega e traz consigo as sensações de perplexidade, ansiedade e impotência frente a situações absurdas e aparentemente irracionais. Embora derivado da atmosfera de pesadelo da obra de Franz Kafka, escrita no início do século passado, as imagens e metáforas kafkianas são talhadas para a compreensão da mecânica do dia-a-dia da vida contemporânea, marcada por uma imperscrutável complexidade. Sem os contos e os romances desse atormentado escritor de Praga, não seríamos capazes de entender, com a clareza possível de hoje, os sentimentos de impotência e indefensabilidade que indivíduos isoladamente ou grupos minoritários muitas vezes sentem frente às múltiplas faces dos sistemas de poder. Na vida contemporânea, o alicerce operacional vai sendo gradativamente assentado sobre computadores e programas, que formam um universo informacional que interage com todos, indistintamente. Esse mundo de informações constitui um terreno fértil para o renascimento de labirintos, que Kafka tanto explorou em sua literatura.

Em *O Processo*, Kafka conta a história de Joseph K., um procurador de um banco que se vê processado sem nunca chegar a saber porquê. “Alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum”, assim começa *O Processo*. Nessa obra, o personagem é considerado culpado de algum crime, cujo teor não é divulgado. Na tentativa de provar sua inocência, K. submete-se a vários procedimentos nos tribunais. Um labirinto de leis e personagens enigmáticos, de caráter

duvidoso, formam o pesadelo de K. Na busca de informações sobre seu processo, K. entra nos prédios dos tribunais e percorre literalmente corredores sinistros, verdadeiros labirintos, escuros, abafados e caóticos, onde ninguém lhe fornece informações precisas. Em seu martírio, K. luta desesperadamente para descobrir a natureza das acusações contra ele, até que finalmente perde o desejo de lutar e é executado. *O Processo* pode também ser visto como uma sátira, onde o que conta são os excessos e exageros de certos elementos e componentes do sistema, tornando-os sem sentido aos nossos olhos. Contudo, esses desatinos de certos elementos e componentes dos sistemas estão hoje presentes em muitas estruturas da vida contemporânea, que reproduzem o absurdo da obra de Kafka.

“Ao se deparar com uma conta absurda de R\$ 10.016,00 por seu telefone celular mudo, o bancário Bráz S. entrou em pânico, largou o serviço no banco e foi para a fila do guichê de reclamações da empresa”, registrou a seção de queixas de um grande jornal diário. Ao invés de olharmos essa quase banal nota de jornal pela ótica insensível do cotidiano moderno, onde tudo acontece e é aceito com indiferença, talvez fosse melhor pensar esse pequeno absurdo à luz do romance de Kafka *O Processo*. Qual a razão para essa absurda conta por um telefone mudo, que não funciona? Haveria algum motivo especial para ameaçar S. com uma cobrança tão desmedida? Pior ainda, não há nada específico contra S. Ele é apenas um número, tratado automaticamente pelos sistemas burocráticos. Os complexos sistemas burocráticos permeiam as grandes corporações e governos nos tempos modernos. São complicados sistemas de regras e decisões, compostos de estruturas hierárquicas, indiferente aos indivíduos e suas características humanas. Sistemas que quando falham podem levar a situações absurdas.

A complexidade da vida contemporânea mostra suas garras quando diferentes sistemas interagem entre si, e, principalmente, quando erros ou falhas se propagam através dessas interações. Em outras palavras, a complexidade fica aparente quando os sistemas operam em situações excepcionais, muitas vezes não previstas pelos seus idealizadores. José Carlos J., 29 anos, motorista, nunca cometeu um crime. No entanto, ele corre o risco de ser preso. J. teve seu documento de identidade – RG, roubado por assaltantes. O assaltante de J. apresentou o RG do motorista como sendo seu. Foi julgado e condenado, com nome e RG falsos, a seis anos de detenção. Por falha da

polícia, o documento não foi bloqueado nos computadores. Após a fuga do assaltante do presídio, J. passou a ser procurado pela justiça, devido ao RG, que coincidia com o do bandido. “Não sei se foi o distrito policial, o instituto de identificação ou a justiça que falhou”, admite o responsável pelo caso. Os casos de S. e J. são emblemáticos. Refletem as consequências da complexidade dos sistemas burocráticos, que se baseiam nos computadores e mostram como elas podem ter efeitos devastadores sobre a vida das pessoas. E não são casos tão únicos assim. Recentemente, em Rhode Island, nos EUA, oito pessoas foram presas erroneamente, por causa de informação incorreta nos bancos de dados do sistema de justiça do estado. Como refletiu K., “o que aconteceu comigo é somente um caso isolado, e como tal não muito importante, já que eu não o levo muito a sério, mas é um indício de como se move um processo contra tantas pessoas”.

Os sistemas burocráticos baseados na tecnologia da informação tornam-se, muitas vezes, indecifráveis, intimidando a muitos, velhos ou novos, cultos ou pouco educados. Assim relatou Kafka: “Mas a interpelação inesperada deixou o homem confuso, o que parecia tanto mais penoso porque se tratava obviamente de uma pessoa com a experiência do mundo, que em qualquer outra parte sabia se dominar, e que não abdicava facilmente da superioridade que havia conquistado sobre muitos. Mas aqui ele não sabia responder uma pergunta tão simples...”. Exemplificando ao acaso. Uma situação típica dos dias de hoje são as máquinas automáticas, que substituíram os “caixas” no atendimento aos clientes dos bancos. A máquina de atendimento bancário dispara suas costumazes perguntas. Em frente ao teclado, olhando para a tela da máquina, uma senhora dos seus sessenta e poucos anos lê as perguntas: “Qual a sua senha de acesso? Digite seu código de auto-atendimento. Forneça os três últimos dígitos de seu CPF!” Atordoada, a senhora sente-se paralizada e intimidada pela impessoalidade do sistema. A tensão da interação homem versus máquina aumenta e, numa fração de segundos, dado a falta de reação da senhora, a máquina cancela o atendimento e “se diz” pronta para uma nova operação. O que há de novo em tudo isso é a retirada do elemento humano do processo burocrático. Ao invés do processo burocrático antigo, mecanicamente implementado por funcionários, deparamos agora com uma burocracia muito mais complexa, muito mais rápida e que prescinde do elemento humano para sua operacionalização. Os computadores e seus programas têm

todos os instrumentos e recursos possíveis para tocar de forma automática e autônoma os processos e métodos burocráticos. Elimina-se cada vez mais a presença humana.

Estamos em direção a um mundo que apresenta e exacerba os traços da visão de Kafka em *O Processo*. A mecânica que rege os modernos sistemas de informação, os bancos de dados e computadores aponta em direção a processos que se baseiam numa burocracia automática, na possibilidade de erros arbitrários e uma crescente desumanização, decorrente do afastamento do homem dos processos. Quando os computadores começaram a surgir, cinquenta anos atrás, havia a visão de máquinas auxiliando o homem em suas tarefas repetitivas e laboriosas. O que se vê hoje claramente são máquinas e programas que, além das tarefas auxiliares, ocupam também o papel decisório no dia-a-dia. Aeroportos americanos usam sistemas automáticos, baseados nos computadores, para decidir quem vai ser inspecionado em detalhe ou quem deve passar por testes mais rigorosos de segurança. O controle do trânsito, a distribuição de água e energia elétrica, a telefonia celular, tudo hoje depende do funcionamento dos sistemas de computação e comunicação. Do cultivo da soja no cerrado, à exploração do petróleo no alto mar ou aos desenvolvimentos genéticos, nada disso mais pode ser feito sem os computadores, os microprocessadores e as telecomunicações. Não há mais retorno ao tempo sem os computadores. A dependência cada vez maior da sociedade moderna dos sistemas baseados em computadores e comunicação nos faz refletir sobre a ficção da obra de Kafka. A passagem do processo da burocracia mecânica do início do século passado para a burocracia dos complexos sistemas apoiados em computadores e redes de comunicação torna, no entanto, a metáfora de Kafka incapaz de refletir a vida contemporânea. Mas serve para chamar a atenção para os excessos e exageros da crescente automação da vida moderna e mostrar a perda de humanidade que ameaça a gerações futuras.

Apesar do olhar sombrio aqui levantado, não se trata apenas de um ensaio sobre a perda das ilusões, sobre o desencantamento com o avanço das máquinas e programas. Tampouco trata-se de uma visão pessimista dessa faceta da modernidade. Ao contrário, o desencantamento deve ser visto como o sinal da necessidade de corrigir o movimento. O desencantamento não necessariamente aponta para o fim da utopia da ciência ou da tecnologia. O desenvolvimento da ciência e tecnologia tem trazido benefícios

inimagináveis para o ser humano. Mas, como Kafka sabiamente lembra em *O Processo*, “As vantagens e desvantagens se distinguem umas das outras por um fio de cabelo”.

5. O Real, o Virtual e a Ficção

As cenas dos aviões chocando-se com as torres são uma transposição da ficção hollywoodiana para a realidade. Não seriam as cenas do ataque a Nova York um *dejà-vu à la Independence Day*? Não seriam as cenas de destruição das torres imagens de um *videogame* num computador? Acostumados a ver cenas de destruição maciça apenas nas telas de cinema ou dos computadores, ficamos atônitos, paralisados com uma nova realidade, até então inconcebível. Neste estado de perplexidade, diante de fenômenos extremos como o atentado terrorista, não sabemos exatamente o que está acontecendo em nenhuma das três dimensões. O que é real? O que é ficção? O que é virtual?

Os meios de comunicação tentam com notícias e imagens dar sentido à complexa realidade contemporânea. Não conseguem. As imagens não mais distinguem em que dimensão da vida contemporânea estamos situados. O teatro da guerra moderna é o palco onde as três dimensões estão imbricadas. A guerra tecnológica mistura ficção, virtualidade e realidade. O sofisticado aparato militar americano dá aos seus soldados e ao público americano a idéia de que a guerra se passa nos monitores de computadores e na tela da televisão apenas. Orientadas pelas estratégias militares de informação, a geração e produção das imagens da guerra para os noticiários parecem seguir roteiros de cinema. Aviões de bombardeio confundem-se com os *videogames* ou com os jogos na Internet, onde simuladores criam campos de batalhas virtuais. Os militares operam equipamentos nas telas dos computadores, o que dá a eles o distanciamento da realidade e a impressão de que tudo se passa no terreno virtual. Os alvos são apenas pontos na tela de um computador. As vítimas no entanto situam-se na dura realidade da vida e da guerra. Talvez uma marca da vida do século XXI seja a possibilidade de vivermos temporalidades distintas em espaços superpostos: o real, o virtual e a ficção. A tecnologia é o eixo comum que perpassa as três dimensões da contemporaneidade. E a literatura pode ser a chave para descobrir os significados e o sentido destes novos tempos.

Referências Bibliográficas

Borges, Jorge Luis (1998), *O Fazedor*, tradução de Josely Baptista. São Paulo: Editora Globo.

Borges, Jorge Luis (1998), *Ficções*, tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo.

Borges, Jorge Luis (1999), *O Livro de Areia*, tradução de Morrone Averbuck. São Paulo: Editora Globo.

Calvino, Ítalo (1986), *The Uses of Literature*, translated by Patrick Creagh, a Harvest Book.

Calvino, Italo (1990), *As Cidades Invisíveis*, tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras.

Kafka, Franz (1997), *O Processo*, tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras.

Mann, Thomas (1980), *A Montanha Mágica*, tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Rosa, João Guimarães (1967), *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Rollason, Christopher; Mittapalli, Rajeshwar (eds.) (2002), *Modern Criticism*. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors.